Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Uso de medicamentos, automedicação e suplementos entre universitários

Medication use, self-medication and supplements among university students

Uso de medicamentos, automedicación y suplementos entre estudiantes universitarios

Michele Guimarães Campos[1], Alexandre Bento Vasconcelos[1], Isadora Arantes Araujo[1], Laís de Pádua Diniz[1], Rodrigo Elias Souza Pinto[1], Cristiane Teixeira Vilhena Bernardes[1].

RESUMO

Objetivo: Analisar o perfil de uso de medicamentos, automedicação e consumo de suplementos estimulantes entre universitários de diferentes áreas do conhecimento. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional, transversal e analítico, realizado com acadêmicos dos cursos de Medicina, Odontologia, Psicologia, Direito, Engenharia de Software e Agronomia de uma universidade privada em Anápolis, Goiás (n=454). A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionários virtuais estruturados e analisados estatisticamente. **Resultados:** A prevalência de automedicação foi significativamente superior na área da Saúde (74,7%) comparada a Humanas (61,9%) e Exatas (58,9%) (p=0,013). Analgésicos/anti-inflamatórios foram os fármacos de maior prevalência geral (65,4%), com consumo mais acentuado na Saúde (81,8%, p<0,001). Os estudantes da Saúde também lideraram o uso de psicoestimulantes (16,2%), ansiolíticos (9,1%) e antidepressivos (7,8%). Quanto aos suplementos, 15,6% dos acadêmicos relataram consumo para fins de estudo, destacando-se a cafeína (11,5%). **Conclusão:** Observou-se maior prevalência de automedicação e consumo de classes medicamentosas específicas entre acadêmicos da Saúde. Embora limitado pelo delineamento transversal e caráter unicêntrico, o estudo sinaliza a importância de ações institucionais voltadas ao uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Preparações farmacêuticas, Automedicação, Estudantes.

ABSTRACT

Objective: To analyze the profile of medication use, self-medication, and stimulant supplement consumption among university students from different fields of knowledge. **Methods:** This is an observational, cross-sectional, and analytical study conducted with undergraduate students in Medicine, Dentistry, Psychology, Law, Software Engineering, and Agronomy at a private university in Anápolis, Goiás (N=454). Data were collected through structured virtual questionnaires and analyzed statistically. **Results:** Self-medication prevalence was significantly higher in the Health field (74.7%) compared to Humanities (61.9%) and Exact Sciences (58.9%) (p=0.013). Analgesics/anti-inflammatory drugs were the most prevalent class overall (65.4%), with higher consumption in the Health area (81.8%, p<0.001). Health students also led in the use of psychostimulants (16.2%), anxiolytics (9.1%), and antidepressants (7.8%). Regarding supplements, 15.6% of the academics reported usage for studying purposes, with caffeine standing out as the most consumed (11.5%). **Conclusion:** A higher prevalence of self-medication and use of specific drug classes was observed

[1] Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), Anápolis – GO.

SUBMETIDO EM: 8/2026 | **ACEITO EM: 9/2026** | **PUBLICADO EM: 11/2026**

among Health students. Although limited by its cross-sectional design and single-center nature, this study highlights the need for institutional actions promoting rational drug use.

Keywords: Pharmaceutical preparations, Self medication, Students.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el perfil de uso de medicamentos, automedicación y consumo de suplementos estimulantes entre universitarios de diferentes áreas del conocimiento. **Métodos:** Estudio observacional, transversal y analítico, realizado con académicos de Medicina, Odontología, Psicología, Derecho, Ingeniería de Software y Agronomía de una universidad privada en Anápolis, Goiás (N=454). Los datos fueron recolectados a través de cuestionarios virtuales estructurados y analizados estadísticamente. **Resultados:** La prevalencia de automedicación fue significativamente superior en el área de la Salud (74,7%) en comparación con Humanidades (61,9%) y Ciencias Exactas (58,9%) (p=0,013). Los analgésicos/antiinflamatorios fueron los fármacos de mayor prevalencia general (65,4%), con un consumo más acentuado en Salud (81,8%, p<0,001). Los estudiantes de Salud también lideraron el uso de psicoestimulantes (16,2%), ansiolíticos (9,1%) y antidepresivos (7,8%). En cuanto a los suplementos, el 15,6% de los académicos informó su consumo para fines de estudio, destacándose la cafeína (11,5%). **Conclusión:** Se observó una mayor prevalencia de automedicación y consumo de clases medicamentosas específicas entre académicos de la Salud. Aunque limitado por el diseño transversal y el carácter unicéntrico, el estudio señala la importancia de acciones institucionales orientadas al uso racional de medicamentos.

Palabras clave: Preparaciones farmacéuticas, Automedicación, Estudiantes.

INTRODUÇÃO

O ingresso no ensino superior é entendido como um período de transição complexo, no qual o estudante assume maior responsabilidade sobre a própria vida, o que frequentemente acarreta maior vulnerabilidade a comportamentos físicos e psicológicos de risco. Além disso, é marcado por jornadas extensas e cansativas, que desencadeiam quadros de estresse, irritabilidade e queda de produtividade, impactando diretamente a qualidade de vida (QV) dos discentes. Essa fase é caracterizada por desafios constantes e modificações drásticas no estilo de vida, incluindo novos hábitos alimentares e mudanças severas nos padrões de sono, os quais predispõem o estudante à busca por estratégias farmacológicas de enfrentamento (ARBUÉS ER, et al., 2022; CARDOSO JV, et al., 2019; MATIAS AGC, et al., 2021).

Este período coincide com uma elevada prevalência de transtornos mentais, destacando-se a depressão, a ansiedade e o estresse, especialmente entre os acadêmicos da área da saúde. Tais agravos psicológicos atuam como queixas comuns que geram um impacto negativo no desempenho escolar e aumentam a suscetibilidade a novos transtornos. Observa-se uma correlação intrínseca entre a qualidade de sono e a QV, sendo que distúrbios do descanso apresentam impactos negativos na saúde física e mental. Frequentemente, essa má qualidade do sono é agravada pelo uso excessivo de telas e pelo consumo desordenado de substâncias estimulantes, resultando em insatisfação pessoal e alterações de humor constantes (FREITAS et al., 2023; GHROUZ AK, et al., 2019; MATIAS AGC, et al., 2021).

Para diminuir esses sintomas e lidar melhor com as demandas curriculares, tornou-se comum no ambiente universitário a prática da automedicação, definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o uso de fármacos para tratar sintomas ou doenças autorreconhecidas. Embora o uso de medicamentos de venda livre seja comum, ele não é isento de riscos, podendo acarretar iatrogenias, dosagem excessiva, reações de hipersensibilidade e dependência. A facilidade de adquirir medicamentos sem prescrição e a reutilização de receitas antigas favorecem essa prática, que no Brasil atinge cerca de 80 milhões de pessoas e resulta em milhares de óbitos anuais devido a complicações evitáveis (OMS, 1998; SOUZA MA, et al., 2015; ALVES TA e MALAFAIA G, 2014).

Entre as classes terapêuticas mais utilizadas entre os estudantes avaliados estão os analgésicos, anti-inflamatórios e relaxantes musculares, motivados principalmente por queixas de cefaleia, dores musculares e febre. O uso inadequado desses fármacos, como os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), pode causar hemorragias digestivas e problemas renais graves. A predominância desse consumo é impulsionada pela classificação dessas substâncias como Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), o que gera no acadêmico um falso pensamento de que são inofensivos ao organismo, negligenciando o potencial ocultamento de patologias mais graves (TREVISOL FS, et al., 2011; LOPES WF, et al., 2014; DUTRA FCS, et al., 2019).

Paralelamente, verifica-se uma expansão no consumo de substâncias psicoativas (SPA) lícitas, com ênfase em ansiolíticos, antidepressivos e hipnóticos, devido ao atual estilo de vida estressante. O uso indiscriminado de benzodiazepínicos (BZD), indicados para ansiedade e insônia, ocorre muitas vezes de forma errônea ou sem acompanhamento médico, podendo resultar em declínio da função cognitiva, perda de memória e crises de abstinência perigosas. No caso dos antidepressivos, a interrupção abrupta do uso pode desencadear sintomas somáticos e psicológicos, como ataques de pânico, arritmias cardíacas e deterioração cognitiva, exigindo cautela rigorosa quanto à dose e ao período de utilização (ORTEGA-SUSÍN MJ, PÉREZ T, SERRANO DR, GONZÁLEZ-BURGOS E, 2026; RIVERA JGB, et al., 2021;BERTI CRP et al.,2024; CASTEL S, et al., 2020).

Ademais, nota-se o uso frequente de psicoestimulantes que atuam no sistema nervoso central (SNC) para aumentar a produtividade e o estado de vigília. Substâncias como a cafeína, consumida principalmente via pó de guaraná e bebidas energéticas, e fármacos como o metilfenidato e o modafinil, são utilizados para potencializar o desempenho acadêmico. O uso indevido e irracional desses agentes pode levar à dependência química e efeitos colaterais sistêmicos, incluindo taquicardia, desidratação e agitação excessiva. Apesar da consciência desses riscos, a busca por neuroaprimoramento cognitivo permanece como uma estratégia comum entre universitários para suportar cargas horárias extenuantes (MORGAN HL, et al., 2017; CANDIDO GS, et al., 2021; SANTANA LC, et al., 2020; BARBOSA LAO, et al., 2021).

Estudos indicam que acadêmicos da área da saúde utilizam mais medicações de forma indiscriminada do que os de outras áreas, fato associado à autoconfiança gerada pelos conhecimentos adquiridos no curso e ao maior acesso às informações farmacológicas. Embora a literatura aborde a prática da automedicação, observa-se uma lacuna em estudos que comparem sistematicamente o uso de medicamentos prescritos e não prescritos entre as áreas de saúde, humanas e exatas, integrando a análise do consumo de suplementos. Diante do exposto e dos riscos à saúde pública, justifica-se a relevância desta investigação para subsidiar políticas institucionais de promoção de saúde (CRUZ ES, et al., 2019; LIMA PAV, et al., 2022; TREVISOL FS, et al., 2011).

Diante do exposto e dos potenciais riscos à saúde pública e ao bem-estar discente, o presente estudo tem como objetivo analisar o perfil de uso de medicamentos, automedicação e consumo de suplementos estimulantes entre universitários de diferentes áreas do conhecimento de uma universidade particular de Anápolis, Goiás.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, transversal e analítico, focado na avaliação da prevalência e do padrão de consumo de medicamentos e suplementos estimulantes, prescritos e não prescritos. O estudo foi conduzido no Campus Anápolis da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), abrangendo discentes das áreas de Ciências da Saúde, Ciências Humanas e Ciências Exatas.

A população-alvo foi composta por 3.983 estudantes matriculados nos dois cursos de maior contingente discente de cada uma das três áreas do conhecimento: Ciências da Saúde (n = 1.367, representados pelos cursos de Medicina, n = 793, e Odontologia, n = 574), Ciências Humanas (n = 1.843, representados por Direito, n = 1.133, e Psicologia, n = 710) e Ciências Exatas (n = 773, representados por Engenharia de Software, n = 470, e Agronomia, n = 303).

O dimensionamento amostral foi calculado por meio do *software* G*Power (versão 3.1.9.7), considerando o teste do Qui-Quadrado para variáveis categóricas, tamanho de efeito (w) de 0,30, poder estatístico de 95% (β = 0,05) e nível de significância de 5% (α = 0,05). Adicionou-se uma margem de 20% para eventuais perdas ou recusas, estabelecendo-se uma amostra mínima de 455 participantes (equivalente a 11,4% da população total). A distribuição amostral seguiu a proporção populacional de cada área (amostragem estratificada proporcional), correspondendo a 155 participantes na área da Saúde, 210 na área de Humanas e 90 na área de Exatas.

Embora o cálculo de dimensionamento amostral inicial tenha estabelecido a necessidade de uma amostra mínima de 455 participantes (sendo 155 na área da Saúde, 210 em Humanas e 90 em Exatas), a amostra final consolidada foi de 454 universitários, distribuídos em 154 na Saúde, 210 em Humanas e 90 em Exatas. Essa diferença de apenas um participante na área da Saúde decorreu da aplicação rigorosa dos critérios de exclusão durante a etapa de triagem de dados, na qual um questionário foi descartado por apresentar preenchimento incompleto ou duplicidade. Ressalta-se que essa perda pontual (< 0,22% da amostra planejada) não comprometeu substancialmente o poder estatístico de 95% inicialmente planejado para as análises inferenciais do estudo.

Como critérios de inclusão, consideraram-se estudantes regularmente matriculados nos cursos selecionados, de ambos os sexos, matriculados nos turnos matutino, noturno ou integral, e que concordaram expressamente em participar mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos do estudo questionários preenchidos de forma incompleta, respostas duplicadas e participantes com idade inferior a 18 anos.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado e autoaplicável na plataforma *Google Forms*, elaborado e adaptado com base nos instrumentos validados de Servidoni AB, et al. (2006), Yeamans (2024) e Silveira (2026). O instrumento investigou o perfil sociodemográfico e acadêmico (curso, período e turno), o padrão de consumo e uso de medicamentos e suplementos estimulantes nos últimos seis meses (frequência, presença de prescrição médica e prática de automedicação) e a ocorrência de efeitos adversos autorrelatados. A divulgação do instrumento e do TCLE ocorreu presencialmente no campus universitário por meio de *QR Codes* impressos e disponibilizados pelos pesquisadores nos corredores e salas de aula. Para garantir a acessibilidade e mitigar o viés de exclusão digital, foram disponibilizadas cópias impressas aos alunos que relataram limitações de acesso à versão *online*.

O estudo seguiu rigorosamente os preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos (Resolução CNS nº 466/2012), sendo submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), sob o parecer nº 6.682.271 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 75479023.0.0000.5076. O consentimento informado de todos os participantes foi obtido previamente ao preenchimento do questionário.

Para minimizar o viés de aferição e padronizar a abordagem, a equipe de pesquisadores passou por treinamento prévio quanto ao protocolo de aplicação. Os dados coletados foram tabulados e analisados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS para Windows, versão 24.0, IBM Corp., Armonk, NY, EUA). As variáveis categóricas foram descritas por meio de frequências absolutas (n) e relativas (%). A associação e a comparação entre as prevalências observadas entre os cursos e áreas do conhecimento foram calculadas pelo teste do Qui-Quadrado de Independência ou pelo teste da Razão de Verossimilhança (*Likelihood Ratio*), conforme a adequação das frequências esperadas nas tabelas de contingência. Adotou-se o nível de significância de 5% ($p < 0,05$) para todas as análises inferenciais.

RESULTADOS

Este estudo analisou os padrões de uso de medicamentos entre estudantes universitários, considerando variáveis demográficas e acadêmicas em relação à faixa etária, gênero, estado civil, curso e seu período acadêmico. Foram então coletados um total de 454 participantes, sendo que dentre essa amostra, o público masculino obteve destaque, representando 56,2% do total. Em relação à idade dos participantes, a amostra foi composta por estudantes maiores de 18 anos, e foi possível observar uma maior prevalência da faixa etária de 18 a 21 anos compondo 70,5% da amostra.

Durante a análise, além de avaliar os dados sobre a idade e sexo dos participantes, também se verificou o estado civil, de forma que se obteve uma predominância marcante de solteiros, representando expressivos 95,6% da amostra, seguidos pelos casados, que compuseram 3,7% do total (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Caracterização da amostra de acordo com os dados sociodemográficos, n=454.

Variáveis	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Sexo		
Masculino	255	56,2
Feminino	198	43,6
Sem identificação	1	0,2
Idade (anos)		
18-21	320	70,5
22-25	111	24,4
26-29	16	3,5
30-33	4	0,9
>34	3	0,7
Estado Civil		
Solteiro	434	95,6
Casado	17	3,7
Divorciado	2	0,4
Viúvo	1	0,2
Turno		
Noturno	256	56,4
Integral	148	32,6
Matutino	50	11,0
Curso		
Medicina	133	29,3
Engenharia de Software	67	14,8
Psicologia	61	13,4
Agronomia	23	5,1
Odontologia	21	4,6
Direito	149	32,8

Fonte: Vasconcelos AB, et al., 2026.

Analgésicos e anti-inflamatórios constituíram a classe medicamentosa de maior prevalência de uso, relatada por 65,4% (n=297) dos acadêmicos, seguida por anti-histamínicos (12,6%; n=57) e antigripais (8,4%; n=38). Destaca-se que a frequência total de respostas excede o tamanho da amostra devido à possibilidade de seleção múltipla de classes terapêuticas por participante (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Prevalência de uso de classes medicamentosas entre os estudantes universitários (n=454)

Variável	Frequência (n)	Porcentagem (%)*
Analgésico/Anti-inflamatório	297	65,4%
Antigripais	38	8,4%
Anti-histamínicos	57	12,6%
Antimicrobianos	28	6,2%
Psicoestimulantes	34	7,5%
Ansiolíticos/Sedativos	23	5,1%
Antidepressivos/ Estabilizadores de humor	14	3,1%
Probióticos/Suplementos	10	2,2%
Antipsicóticos	4	0,9%
Outros**	20	4,4%

Nota: *O somatório dos percentuais ultrapassa 100% em razão da possibilidade de os participantes indicarem o uso de mais de uma classe medicamentosa nos últimos seis meses. **Outros incluem: anticoncepcional, antiflatulante, antiplaquetário, beta-bloqueador, descongestionante, inibidor de bomba de prótons e retinoide. **Fonte:** Vasconcelos AB, et al., 2026.

Ao comparar o perfil de utilização de medicamentos entre as áreas do conhecimento (**Tabela 3**), observou-se que a área da Saúde apresentou maior prevalência de consumo na maioria das classes avaliadas. O uso de analgésicos e anti-inflamatórios foi significativamente maior entre acadêmicos da Saúde

(81,8%; n=126) quando comparado a Humanas (57,6%; n=121) e Exatas (55,6%; n=50) (p < 0,001). Diferenças estatisticamente significativas também foram evidenciadas para o uso de psicoestimulantes (p < 0,001), ansiolíticos/sedativos (p = 0,012) e antidepressivos/estabilizadores de humor (p < 0,001), com maior concentração de consumo na área da Saúde. Em contrapartida, os anti-histamínicos apresentaram maior prevalência na área de Exatas (20,0%; n=18) (p < 0,001). Não foram encontradas associações significativas entre as áreas do conhecimento e o consumo de antigripais (p = 0,974) ou antimicrobianos (p = 0,150).

Tabela 3 - Prevalência de uso de classes medicamentosas por área do conhecimento entre os estudantes universitários.

Classes Medicamentosas	Saúde (n=154) n(%)	Humanas (n=210) n(%)	Exatas (n=90) n(%)	Total (n=454) n(%)	Valor de p*
Analgésicos/ Anti-inflamatórios	126 (81,8%)	121 (57,6%)	50 (55,6%)	297 (65,4%)	<0,001**
Anti-histamínicos	26 (16,9%)	13 (6,2%)	18 (20,0%)	57 (12,6%)	<0,001**
Psicoestimulantes	25 (16,2%)	8 (3,8%)	1 (1,1%)	34 (7,5%)	<0,001**
Ansiolíticos/ Sedativos	14 (9,1%)	8 (3,8%)	1 (1,1%)	23 (5,1%)	0,012**
Antidepressivos/ Estabilizadores	12 (7,8%)	2 (1,0%)	0 (0,0%)	14 (3,1%)	<0,001**
Antigripais	13 (8,4%)	17 (8,1%)	8 (8,9%)	38 (8,4%)	0,974
Antimicrobianos	13 (8,4%)	13 (6,2%)	2 (2,2%)	28 (6,2%)	0,150
Probióticos/Suplementos	10 (6,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	10 (2,2%)	<0,001**
Antipsicóticos	2 (1,3%)	2 (1,0%)	0 (0,0%)	4 (0,9%)	0,571
Outros***	8 (5,2%)	9 (4,3%)	3 (3,3%)	20 (4,4%)	0,786

Notas: *Valor de p calculado por meio do Teste de Qui-quadrado de Pearson individualizado para cada classe medicamentosa (comparando usuários vs. não usuários por área).**Diferença estatisticamente significativa ao nível de 5% (p < 0,05). ***Outros: anticoncepcional, antiflatulante, antiplaquetário, beta bloqueador, descongestionante, inibidor de bomba de prótons, retinóide.
Fonte: Vasconcelos AB, et al., 2026.

A análise da prevalência de automedicação revelou que 65,6% (n=298) dos acadêmicos avaliados utilizaram medicamentos sem prescrição médica nos últimos seis meses. Verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre a área do conhecimento e a prática de automedicação (p=0,013) (**Tabela 4**). A análise de comparação pós-hoc revelou que a prevalência de automedicação foi significativamente superior na área da Saúde (74,7%; n=115) em relação às áreas de Humanas (61,9%; n=130) (p=0,014) e exatas (58,9%; n=53) (p=0,015). Por outro lado, as áreas de Humanas e Exatas não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre si (p=0,717).

Tabela 4 - Prevalência de automedicação por área do conhecimento entre os estudantes universitários (n=454).

Áreas	Praticou a automedicação n (%)	Não praticou a automedicação n (%)	Total de alunos n (%)	Valor de p*
Saúde	115 (74,7%)	39 (25,3%)	154 (100%)	0,013**
Humanas	130 (61,9%)	80 (38,1%)	210 (100%)	
Exatas	53 (58,9%)	37 (41,1%)	90 (100%)	
Total Geral	298 (65,6%)	156(34,4%)	454 (100%)	

Notas: *Valor de p calculado por meio do Teste de Qui-quadrado de Pearson (χ^2 = 8,692; g.l. = 2; p = 0,013). ** Diferença estatisticamente significativa ao nível de 5% (p < 0,05).
Fonte: Vasconcelos AB, et al., 2026.

Os suplementos alimentares selecionados para a pesquisa foram a cafeína, as bebidas energéticas, o pó de guaraná e os complexos vitamínicos. Em relação ao uso dessas substâncias nos últimos seis meses, observou-se que 15,6% (n=71) dos acadêmicos relataram ter utilizado pelo menos um tipo de suplemento para fins de estudo (**Tabela 5**). Dentre os usuários da amostra, a cafeína destacou-se como o composto

mais consumido, referida por 11,5% (n=52) dos participantes, seguida pelas bebidas energéticas (9,9%; n=45) e pelos complexos vitamínicos (6,2%; n=28). O pó de guaraná foi a substância de menor prevalência, citada por apenas 2,4% (n=11) da amostra. O somatório das frequências individuais das substâncias excede a prevalência geral de uso devido à ocorrência de respostas múltiplas por parte dos estudantes.

Tabela 5 - Utilização de suplementos selecionados e sua frequência de consumo entre os estudantes universitários (n=454).

Suplementos	**Sim n (%)**	**Não n (%)**	**Total n (%)**
Cafeína	52 (11,5)	402 (88,5)	454 (100%)
Complexo vitamínico	28 (6,2)	426 (93,8)	454 (100%)
Energético	45 (9,9)	409 (90,1)	454 (100%)
Pó de guaraná	11 (2,4)	443 (97,6)	454 (100%)
Prevalência geral de uso de suplementos*	**Sim n (%)**	**Não n (%)**	**Total n (%)**
Uso de pelo menos um suplemento	**71 (15,6%)**	**383 (84,4%)**	454 (100%)

Nota: *Representa o número de participantes que relataram o uso de pelo menos um dos suplementos avaliados nos últimos seis meses. A soma das frequências individuais das substâncias (n=136) excede o número total de usuários gerais devido à possibilidade de uso concomitante de mais de um suplemento por participante (múltipla escolha). **Fonte:** Vasconcelos AB, et al., 2026.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos neste estudo revelam que a área da saúde, composta pelos cursos de Medicina e Odontologia, apresenta a maior prevalência de uso de medicamentos, tanto prescritos quanto não prescritos. Sob a perspectiva de hipóteses respaldadas pela literatura, sugere-se que o ingresso nos cursos da área da saúde, frequentemente caracterizado por jornadas exaustivas, possa estar associado a quadros de estresse, desmotivação e queda de produtividade. Nesse cenário, a utilização de fármacos é discutida na literatura como uma provável estratégia de enfrentamento individual diante de desafios emocionais que emergem ao longo da graduação, embora o desenho transversal deste estudo impeça o estabelecimento de relações causais diretas (CARDOSO JV et al., 2019).

Importa destacar, inicialmente, que a vulnerabilidade dessa população é acentuada pelo perfil sociodemográfico identificado: jovens (70,5% entre 18 e 21 anos) e predominantemente solteiros (95,6%). Aliado ao perfil jovem, destaca-se que esses jovens passam por uma fase de transição para o ensino superior que acarreta mudanças drásticas no estilo de vida, principalmente nos padrões de sono (ARBUÉS ER et al., 2022).

Logo, a combinação desses fatores pode favorecer a ocorrência de agravos à saúde mental. A título de ilustração, investigações prévias na literatura identificaram prevalências estimadas de ansiedade (53,6%) e depressão (56,1%) em populações universitárias com perfil semelhante (FREITAS et al., 2023). Embora tais variáveis clínicas não tenham sido mensuradas diretamente na presente amostra, esses dados de estudos anteriores corroboram os riscos associados ao ambiente competitivo e à carga horária extenuante da graduação (ARBUÉS ER, et al., 2022).

Um fator que também é determinante para o consumo acentuado de medicações pelos estudantes das áreas de saúde é o amplo acesso a informações farmacológicas. Os estudos de Cruz ES, et al. (2019) e Lima PAV, et al. (2022) afirmam que o conhecimento técnico confere aos estudantes uma falsa percepção de autonomia e segurança na prática da automedicação. Essa autoconfiança técnica pode levar ao uso irracional de substâncias, uma vez que o acadêmico acredita ser capaz de gerenciar seu próprio tratamento sem supervisão médica profissional.

Quanto às classes terapêuticas, os analgésicos e anti-inflamatórios destacaram-se como os mais utilizados (39,0%). Esse achado converge com as fontes literárias atuais, que encontraram prevalências ainda maiores em estudantes de nível superior (LOPES WF, et al. 2014). O principal motivo para essa prática é a cefaleia, conforme indicado por Zewdie S, et al. (2020). Da mesma forma, autores atribuem essa

frequência elevada do uso de analgésicos e anti-inflamatórios ao fato de tais fármacos serem classificados como Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), permitindo o livre acesso comercial no Brasil (SILVA LB, et al., 2015). Contudo, outras fontes literárias alertam que a facilidade de aquisição gera o pensamento equivocado de que essas drogas são inofensivas, quando, na verdade, o uso abusivo pode causar hemorragias digestivas e danos renais graves (DUTRA FS, et al., 2019).

A investigação detalhada sobre a utilização de substâncias psicoativas (SPA) entre os universitários da amostra evidenciou indicadores críticos de consumo, com uma disparidade marcante entre as áreas do conhecimento. Os dados revelam que a área da saúde detém a maior concentração de uso dessas drogas, sendo responsável por 85% da utilização total de antidepressivos e estabilizadores de humor, além de 60% da ingestão de ansiolíticos e sedativos identificada na amostra (BERTI CRP et al., 2024). Esse comportamento pode ser compreendido, à luz da literatura, como uma provável tentativa de mitigar o sofrimento emocional e os sentimentos de tristeza profunda que interferem diretamente na vida social, familiar e no desempenho acadêmico dos estudantes. O recurso a esses fármacos busca cessar estados de angústia que, se não gerenciados, podem comprometer a saúde mental de forma severa e impactar a integridade dos futuros profissionais (BEHZADIFAR M, BEHZADIFAR M, ARYANKHESAL A, et al., 2020).

No tocante especificamente aos ansiolíticos, observa-se uma prevalência significativa do uso de benzodiazepínicos (BZD), muitas vezes de forma errônea por meio da automedicação ou da ausência de acompanhamento médico rigoroso após a prescrição inicial. A utilização dessas substâncias sem a devida orientação técnica expõe o acadêmico a riscos elevados, como o declínio das funções cognitivas, prejuízos na capacidade de julgamento e perda de memória (RIVERA JG, et al., 2021).

Além dos danos psicomotores, o uso indiscriminado e em doses elevadas pode consolidar uma dependência física e psicológica de difícil reversão, resultando em crises de abstinência perigosas que incluem tremores, pânico e agitação psicomotora. Diante da expansão desse consumo motivada pelo estilo de vida estressante da graduação, recomenda-se que educadores e profissionais de saúde voltem sua atenção para o aprimoramento de políticas de suporte à saúde mental no campus (BEHZADIFAR M, BEHZADIFAR M, ARYANKHESAL A, et al., 2020).

A análise do consumo de fármacos psicoestimulantes revelou um cenário de concentração acentuada, com 73% da utilização total identificada entre os acadêmicos da área da saúde. Essa busca por um aprimoramento cognitivo, especialmente por meio de substâncias como o metilfenidato e o modafinil, reflete uma tentativa dos estudantes de potencializar artificialmente o estado de alerta e a capacidade de concentração diante das severas exigências curriculares. No entanto, essa prática sem o devido acompanhamento médico expõe o usuário a riscos fisiológicos imediatos, que incluem episódios de taquicardia, desidratação e agitação excessiva. Além das reações adversas agudas, a literatura científica adverte que os impactos de longo prazo dessas substâncias sobre as funções mentais e cognitivas ainda carecem de total esclarecimento, o que torna o uso indiscriminado e sem prescrição uma prática associada a riscos significativos à saúde (BARBOSA LAO, et al., 2021; CANDIDO GS, et al., 2021; SANTANA LC, et al., 2020).

No que tange aos suplementos alimentares com propriedades estimulantes, o índice de utilização encontrado nesta pesquisa foi de 15,6%, valor que se demonstrou inferior aos dados reportados em estudos prévios que indicavam frequências superiores a 27%. Entre as substâncias mencionadas, a cafeína consolidou-se como o componente de maior prevalência (11,5%), alinhando-se aos padrões de consumo observados em outras populações universitárias que priorizam esse composto. A motivação central para o recurso a tais suplementos, frequentemente ingeridos através de bebidas energéticas e pó de guaraná, reside na busca de suprimir o sono e ampliar o desempenho acadêmico sob condições de estresse (POLL FA e LIMA AP, 2013). Contudo, é imperativo reforçar que a suplementação deve ser conduzida sob rigorosa supervisão técnica, respeitando as diretrizes de órgãos como a Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (SBME), que limita seu uso a situações específicas e sob a orientação direta de médicos ou nutricionistas especializados (DRUMOND BP, 2018; MORGAN HL, et al., 2017).

Este estudo apresenta limitações metodológicas importantes que devem ser consideradas. Primeiramente, seu delineamento transversal impossibilita o estabelecimento de relações temporais de causa e efeito. Além disso, a coleta de dados baseada em questionários eletrônicos autoaplicáveis (autorrelato) está sujeita a potenciais vieses de memória e de desejabilidade social por parte dos respondentes. Deve-se destacar ainda o caráter unicêntrico da pesquisa, realizada em uma única instituição de ensino superior privada do município de Anápolis-GO, o que acarreta ausência de representatividade de outras realidades universitárias (como instituições públicas ou de outras regiões) e um eventual viés de seleção decorrente da participação voluntária dos acadêmicos.

Diante do cenário exposto, torna-se evidente a necessidade de intervenções institucionais. Sugere-se a implementação de programas de suporte à saúde mental e a realização de palestras educativas que abordem os perigos da automedicação e do uso irracional de psicoestimulantes. Tais medidas visam não apenas mitigar comportamentos de risco, mas também promover o uso responsável de medicamentos e a melhoria da qualidade de vida dos acadêmicos. Como apontado por Magnotti et al. (2023), a ampliação das ações de educação e conscientização acerca do uso indevido de psicoestimulantes é fundamental para reconhecer estudantes em situação de risco e reduzir comportamentos de uso inadequado, considerando os potenciais efeitos adversos e consequências associados a essas substâncias.

CONCLUSÃO

O estudo identificou diferenças significativas no perfil de consumo de medicamentos entre estudantes de distintas áreas do conhecimento, demonstrando que a prevalência de automedicação é significativamente maior entre os acadêmicos da área da saúde em comparação com as áreas de humanas e exatas. Analgésicos e anti-inflamatórios figuraram como as classes de maior prevalência geral de consumo, ao passo que os discentes da área da saúde apresentaram maior participação no uso de ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes. Quanto aos suplementos selecionados, a maioria dos participantes não referiu consumo, destacando-se a cafeína como a substância mais utilizada para fins de estudo. Esses achados reforçam a necessidade de intervenções institucionais urgentes, tais como programas de suporte à saúde mental e ações educativas voltadas ao uso racional de medicamentos e aos riscos da automedicação. Entretanto, limitações inerentes ao delineamento transversal, ao caráter autorreferido dos dados, ao potencial viés de seleção por participação voluntária e à realização da pesquisa em uma única instituição privada limitam o estabelecimento de relações de causalidade e a generalização dos achados para a população universitária brasileira como um todo, sugerindo-se a necessidade de futuras investigações multicêntricas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) e à sua Coordenação de Iniciação Científica pelo apoio institucional e infraestrutura concedidos para a realização deste estudo. Agradecemos aos coordenadores dos cursos de Medicina, Odontologia, Direito, Psicologia, Engenharia de Software e Agronomia pela anuência e colaboração fundamental durante a etapa de coleta de dados. Estendemos nosso reconhecimento a todos os acadêmicos que participaram voluntariamente, disponibilizando seu tempo para responder ao instrumento de pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. ALVES TA, MALAFAIA G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. ABCS Health Sciences, 2014; 39(3): 153-159.
2. ARBUÉS ER, et al. Predictors of the Quality of Life of University Students: A Cross-Sectional Study. International Journal of Environmental Research and Public Health, 2022; 19(19): 12518.
3. BARBOSA LAO, et al. Prevalência e características do uso de fármacos psicoestimulantes para fins de neuroaprimoramento cognitivo entre estudantes de Medicina. Journal of Multiprofessional Health Research, 2021; 2(2): e02-154.

4. CÂNDIDO GS, et al. Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco. Revista Enfermagem Atual In Derme, 2021; 95(36): e-021146.
5. CARDOSO JV, et al. Estresse em estudantes universitários: uma abordagem epidemiológica. Revista de Enfermagem UFPE online, 2019; 13: e241312.
6. CASTEL S, et al. Uso de antidepressivos e sintomas de interrupção. Psiquiatria na prática médica, 2020; 33(3): 1-5.
7. ORTEGA-SUSÍN MJ, et al. Global prevalence and patterns of benzodiazepine use among adolescents and young adults: A systematic review and meta-analysis. Public Health. 2026; 259: 106490.
8. CRUZ ES, et al. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. Revista Saúde UniToledo, 2019; 3(1): 2-12.
9. DRUMOND BPS. Consumo de suplementos alimentares em estudantes da Universidade do Porto. Tese (1º Ciclo em Ciências da Nutrição) – Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação. Universidade do Porto, Porto, 2018; p55.
10. DUTRA FCS, et al. Automedicação no tratamento de sintomas de manifestação de estresse por discentes de uma instituição federal de ensino superior no estado do Ceará. Revista de Atenção à Saúde, 2019; 17(62): 81-89.
11. SILVEIRA HNG, et al. Knowledge, attitudes, and practices regarding self-medication among Generation Z university students. Rev Esc Enferm USP, 2026; 60: e20250573.
12. FREITAS PHB, et al. Assessment of the quality of life and mental health of healthcare students during the COVID-19 pandemic. Revista Brasileira de Enfermagem, 2023; 76(Suppl 1): e20230068.
13. GHROUZ AK, et al. Physical activity and sleep quality in relation to mental health among college students. Sleep Breath, 2019; 23(1): 627-634.
14. LIMA PAV, et al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. Acta Paulista de Enfermagem, 2022; 35: eAPE0390059.
15. LOPES WFL, et al. A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI. Revista Interdisciplinar, 2014; 7(1): 17-24.
16. MATIAS AGC, et al. Qualidade de vida acadêmica: sono e uso de múltiplos medicamentos. Bionorte, 2021; 10(1): 118-126.
17. MORGAN HL, et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. Revista Brasileira de Educação Médica, 2017; 41(1): 102-109.
18. BERTI CRP, et al. Variables associated with the use of psychotropic medications by Brazilian university students. Actas Esp Psiquiatr., 2024; 52(6): 810-821.
19. MAGNOTTI S, et al. Prescription stimulant misuse among nursing students: a systematic review. J Addict Nurs., 2023; 34(3): 216-223.
20. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). The role of the pharmacist in self-care and self-medication. Geneva: WHO, 1998; p25.
21. YEAMANS S, et al. Self-medication among general population in the European Union: prevalence and associated factors. Eur J Epidemiol., 2024; 39(9) :977-990.
22. POLL FA, LIMA AP. Consumo de suplementos alimentares por universitários da área da saúde. Cinergis, 2013; 14(1): 33-37.
23. RIVERA JGB, et al. Impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos. Brazilian Applied Science Review, 2021; 5(4): 1767-1780.
24. SANTANA LC, et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes em Instituições de Ensino de Montes Claros/MG. Revista Brasileira em Educação Médica, 2020; 44(1): e015.
25. SERVIDONI AB, et al. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. Revista Brasileira Otorrinolaringologista, 2006; 72(1): 83-88.
26. SILVA LB, et al. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da universidade estadual de Londrina. Revista Espaço para a Saúde, 2015; 16(2): 27-36.
27. SOUZA MA, et al. Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Infarma – Ciências Farmacêuticas, 2015; 27(2): 142-148.
28. TREVISOL FS, et al. Automedicação em universitários. Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, 2011; 9(6): 414-417.
29. BEHZADIFAR M, et al. Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. East Mediterr Health J., 2020; 26(7): 846-857.
30. ZEWDIE S, et al. Self-Medication Practices among Undergraduate University Students in Northeast Ethiopia. Risk Management and Healthcare Policy, 2020; 13(1): 1375-1381.